

# António Gedeão – Poema da malta das naus

Lancei ao mar um madeiro,  
espetei-lhe um pau e um lençol.  
Com palpito marinheiro  
medi a altura do Sol.

Deu-me o vento de feição,  
levou-me ao cabo do mundo,  
pelote de vagabundo,  
rebotalho de gibão.

Dormi no dorso das vagas,  
pasmeei na orla das praias,  
arreneguei, roguei pragas,  
mordi peloiros e zagaias.

Chamusquei o pêlo hirsuto,  
tive o corpo em chagas vivas,  
estalaram-me a gengivas,  
apodreci de escorbuto.

Com a mão esquerda benzi-me,  
com a direita esganei.  
Mil vezes no chão, bati-me,  
outras mil me levantei.

Meu riso de dentes podres  
ecoou nas sete partidas.  
Fundei cidades e vidas,  
rompi as arcas e os odres.

Tremi no escuro da selva,  
alambique de suores.  
Estendi na areia e na relva  
mulheres de todas as cores.

Moldei as chaves do mundo  
a que outros chamaram seu,  
mas quem mergulhou no fundo  
do sonho, esse, fui eu.

O meu sabor é diferente.  
Provo-me e saibo-me a sal.  
Não se nasce impunemente  
nas praias de Portugal.

**António Gedeão, Teatro do Mundo**